

**Coleção Aventuras Grandiosas**

**Robert Louis Stevenson**

# **O MÉDICO E O MONSTRO**

**O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde**

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

**1ª edição**

 **EDITORA  
RIDEEL**

## Capítulo 1

# A PORTA MISTERIOSA

O Sr. Utterson era um homem de muitos amigos. Alto, magro e de **FEIÇÕES** harmoniosas, o advogado se destacava pela simpatia e ao mesmo tempo pela seriedade. Apreciava bons vinhos e, vez por outra, organizava reuniões com os amigos para que pudessem conversar, beber e comentar assuntos da sociedade. Era uma pessoa trabalhadora e rígida quando se tratava de ajudar alguém; na verdade, um homem em quem se podia confiar cegamente.

Ele e o Sr. Richard Enfield eram primos distantes e mantinham uma amizade de longa data. Como os dois eram bastante calados, pouco se falavam, mas não dispensavam suas caminhadas pelas ruas de Londres aos domingos. Saíam no final da tarde e não tinham hora para voltar.

Em um desses domingos, quando passeavam por **ALAMEDAS** de um bairro cheio de lojas e vitrines, o Sr. Enfield apontou para uma determinada casa e perguntou ao Sr. Utterson:

— Está vendo aquela porta?

— Sim, já reparei nela outras vezes.

Era uma porta pesada, feita de madeira maciça. A fechadura estava bem enferrujada devido às **AGRURAS** da chuva e do vento úmido que costumavam assolar Londres. Podia-se imaginar o rangido seco que se ouvia ao abri-la ou fechá-la.

— Pois então... — continuou o Sr. Enfield. — Vou contar-lhe um fato que me aconteceu aqui e que me deixou bastante impressionado.

O advogado ficou curioso e incentivou o primo. A expressão do Sr. Enfield tinha algo de misterioso e enigmático:

— Diga, o que aconteceu?

— Bem, uma noite, era tarde, por volta de três horas da madrugada, eu havia chegado de viagem e caminhava em direção à minha casa, quando vi dois vultos. O frio e a neblina da noite me davam medo e eu torcia para que houvesse um policial por perto. O fato é que esses vultos eram um homenzinho, que andava depressa e parecia mancar, e uma garotinha de uns 10 anos, que tinha ido chamar um médico para algum familiar doente. Os dois se chocaram na esquina e, daí, não gosto nem de lembrar a cena a que assisti.

— O que foi, primo? Está me deixando nervoso.



**FEIÇÕES:** rosto, semblante



**ALAMEDAS:** ruelas



**AGRURAS:** dificuldades, obstáculos, dissabores

— O tal homem, numa atitude monstruosa, derrubou a menina no chão e pisoteou-a sem pena, abandonando-a largada na calçada. Os gritos ecoaram na noite, assim como o som dos golpes **BRUSCOS** na ossatura frágil da criança.

— Meu Deus, o que você fez?

— Gritei e corri atrás do sujeito, consegui agarrá-lo pela roupa e levá-lo até o local onde ele tinha cometido as **ATROCIDADES** de antes. Familiares já socorriam a menina, atraídos pelo choro e desespero de sua voz. Inconformados, queriam vingança. Logo que o médico examinou a garotinha, certificou-nos de que ela estava bem, apesar de assustada. Foi só então que reparamos com mais cuidado na criatura que a maltratara. Ele nos observava com ar de deboche, levava um sorrisinho nos lábios, que por sinal tinham uma coloração estranha. O homem todo era esquisito; não é fácil descrevê-lo, mas posso assegurá-lo de que a **ESTATURA** baixa e curvada e o seu olhar que parecia tentar se **ESQUIVAR** do nosso causavam-nos arrepios. O impressionante é que ele transmitia uma enorme **REPUGNÂNCIA**, apesar de, fisicamente, não ser compreensível o porquê de aquele homem ser tão diferente e **ASQUEROSO**.

— E o que vocês fizeram com ele?

— Decidimos que teria de pagar cem libras para a família da menina. Ele aceitou, pois não queria ser levado à polícia. E é aí que entra o mais curioso. Sabe de onde ele tirou o dinheiro?

— De onde? — indagou o Sr. Utterson.

— Exatamente daquela porta pela qual acabamos de passar. Tirou uma chave do bolso, entrou na casa e voltou com dez libras em ouro, mais um cheque de noventa libras assinado por uma pessoa muito importante, conhecida de todos que lêem jornal, cujo nome não posso revelar. Olhamos para ele com extrema desconfiança. Compreendendo nossa preocupação, o tal sujeito propôs que passássemos a noite acordados, juntos, até a hora de o banco abrir, assim poderíamos descontar o cheque. E foi o que fizemos. No caminho para o banco, eu pensava: “Como uma pessoa tão distinta pôde assinar um cheque de tão alto valor e entregá-lo a uma criatura **MACABRA** como esta?”. A simples companhia daquele homem nos dava mal-estar, por isso a relação que havia entre ele e aquela assinatura parecia **INCOMPATÍVEL**.

— Como as coisas se passaram no banco? — perguntou, ansioso, o advogado.

— Acredite ou não, o cheque foi facilmente descontado.

-  **BRUSCOS**: violentos
-  **ATROCIDADES**: maldades, atos de crueldade
-  **ESTATURA**: altura
-  **ESQUIVAR**: fugir, evitar
-  **REPUGNÂNCIA**: asco, nojo
-  **ASQUEROSO**: nojento
-  **MACABRA**: triste, fúnebre, sombria
-  **INCOMPATÍVEL**: inconciliável, aquilo que não se pode harmonizar

O Sr. Utterson, impaciente, quis saber:

— Você investigou a casa, o nome que assinou o cheque?

— Fiz isso do meu jeito, discretamente, sem **ALARDE**. Acho que esses assuntos **OBSCUROS** podem ser perigosos. Uma única informação errada que se espalhe por aí pode sujar a reputação de um homem, até de uma família inteira. Só o que descobri é que a casa tem fundos para um pátio comum a outras residências. Do outro lado do pátio há três janelas que sempre estão fechadas, mas há uma chaminé constantemente **FUMEGANDO**. A única pessoa que entra por aquela porta é o sujeito de quem lhe falei.

— Tem razão em não querer chamar atenção — respondeu o Sr. Utterson. — Ainda assim, se me permite perguntar, gostaria muito de saber o nome do homem que pisoteou a menina de madrugada.

— Está bem — respondeu seu primo. — Acho que não há problema nisso. O nome dele é Hyde. Como lhe disse, não é fácil descrevê-lo. Ele não parece torto, nem deformado, mas causa repulsa. É uma aparição incrível que não me sai da cabeça.

Os dois amigos caminharam mais um pouco em silêncio antes de irem para suas casas. Combinaram, no final do passeio, que não iriam comentar mais o assunto, pois era melhor não remexerem em algo tão **INSÓLITO**. Ao se despedirem, no entanto, o Sr. Utterson fez uma última pergunta, que martelava sua mente:

— Tem certeza de que o tal Hyde tinha a chave da porta?

— Eu o vi usando-a novamente na semana passada — respondeu o Sr. Enfield.

## Capítulo 2

# O TESTAMENTO

Assim que chegou em casa, o Sr. Utterson pediu que seu jantar fosse servido no quarto. Uma espécie de depressão se abatera sobre ele depois da conversa que teve com o Sr. Enfield. Uma questão importante continuava a lhe importunar, por isso, depois de comer pouco, dirigiu-se ao escritório no andar de baixo e abriu a gaveta da escrivaninha. Tirou de dentro um documento escrito *Testamento do Dr. Jekyll* na capa.

-  **ALARDE**: chamar a atenção
-  **OBSCUROS**: sombrios, tenebrosos
-  **FUMEGANDO**: exalando fumaça
-  **INSÓLITO**: extraordinário, anormal

O Dr. Henry Jekyll, médico respeitado em Londres, além de ser bacharel em Direito e membro da Real Academia, era amigo do Sr. Utterson há muitos anos. O advogado aceitou guardar o testamento escrito pelo próprio médico, mas não conseguia entender seus últimos desejos. De acordo com o documento, todos os bens pertencentes ao Dr. Jekyll deveriam ser passados ao seu “amigo e assistente Edward Hyde” após sua morte. Isso também deveria ocorrer em caso de “desaparecimento” do médico “por mais de três meses consecutivos”. De posse dos bens, o Sr. Hyde não teria qualquer tipo de obrigação, a não ser pagar seus empregados.

O Sr. Utterson nunca ouvira falar do tal assistente antes daquela noite. “Quem seria esse novo amigo de Jekyll, a quem ele desejava deixar tudo?”, pensava. “O Hyde que pisoteara a criança e o herdeiro de Jekyll tinham o mesmo sobrenome. Seriam parentes? Seriam a mesma pessoa, ou isso não passava de uma simples coincidência?”, indagava-se. Havia algo de errado nessa história. Esse testamento o incomodava há tempos.

Intrigado, o advogado resolveu sair. Depois de consultar o relógio e constatar que ainda era cedo, pouco depois das 8 horas da noite, colocou um casaco e tomou a direção da casa do Dr. Lanyon, seu grande companheiro dos tempos de colégio. “Lanyon deve saber de alguma coisa”, disse para si próprio.

Chegando na linda casa de Cavendish Square, onde o Dr. Lanyon morava e também recebia seus pacientes, o Sr. Utterson foi recebido pelo mordomo, que logo o levou à companhia do médico.

— Quem bom vê-lo, querido Utterson. Espero não estar doente para vir à minha casa assim, tão inesperadamente — disse o doutor.

— Estou bem, amigo. Peço-lhe desculpas pela visita **REPENTINA**.

— Não diga isso, é sempre muito bom ter alguém **ESTIMADO** para conversar.

Após alguns comentários triviais, o advogado resolveu ir direto ao assunto que o levava até lá:

— Lanyon, você tem visto Henry Jekyll?

— Caro Utterson, acho que nós dois sempre fomos os melhores amigos de Jekyll. Eu, inclusive, tive projetos médicos em parceria com ele, mas, desde que começou a lidar com suas experiências anticientíficas, afastei-me. Pelo que sei, Jekyll acabou isolando-se, distanciando-se dos amigos e da sociedade.

— De fato, há tempos não o vejo — respondeu Utterson, certo de que os dois médicos deveriam ter tido apenas alguma **DESAVENÇA** profissional.

— Mas por que me pergunta isso?

— Gostaria de saber se você conhece um tal de Edward Hyde, assistente de Jekyll.

— Hyde? Nunca ouvi falar dele — respondeu o Dr. Lanyon.

Chateado, o Sr. Utterson foi para casa caminhando devagar. Pensava na história da garotinha pisoteada, chegava a escutar seu choro, sentia o desespero dos

 **REPENTINA**: súbita, inesperada

 **ESTIMADO**: querido

 **DESAVENÇA**: briga

pais e imaginava a cara **TENEBROSA** do homem que a machucara. Como seria esse monstro, capaz de bater em uma criança? E será que Jekyll iria lhe deixar toda a sua herança?

De súbito, uma idéia lhe veio à mente. Resolveu mudar seu caminho e dirigiu-se à porta escondida entre as vitrines da rua de lojas, local onde seu primo Enfield havia visto o Sr. Hyde entrar. Parou e ficou de **SENTINELA** para ver se ele aparecia. A neblina típica de Londres caiu sobre a noite. O frio aumentou, mas o advogado continuou escondido atrás de um muro, observando as poucas pessoas que passavam sob a luz tênue das lamparinas balançando ao vento, escutando o menor ruído no ar.

Cerca de três horas depois, o Sr. Utterson ouviu passos descendo a rua. A pessoa que vinha devia **MANCAR**, pois era nítido o som de um sapato se arrastando mais longamente após a primeira pisada. Foi fácil observar de longe quando o homem baixinho e curvado pegou uma chave no bolso e dirigiu-se à porta misteriosa. Fazia isso com naturalidade, como normalmente pegamos a chave ao nos aproximarmos de casa.

— Boa-noite — disse o Sr. Utterson, aproximando-se e tocando levemente o ombro do sujeito.

O homem assustou-se, mas logo **SE RECOMPÔS** e, de cabeça baixa, com a voz rouca, respondeu:

— O que quer?

— O senhor se chama Edward Hyde?

— Sim, sou eu mesmo. E você, quem é? — perguntou **RUDEMENTE**.

— Sou Utterson, amigo do Dr. Jekyll. Vejo que está entrando e resolvi aproveitar a oportunidade para entrar também e fazer-lhe uma visita.

— O Dr. Jekyll não está. Além do mais, é tarde, o senhor deveria ir para casa dormir — disse, dando uma debochada gargalhada no final.

— Isso não é jeito de falar, rapaz.

— Já disse, vá para casa — respondeu Hyde, fechando a porta.

O Sr. Utterson foi mais rápido e colocou o pé na porta, impedindo que o assistente a fechasse.

— Mostre-me pelo menos seu rosto — pediu o advogado.

O Sr. Hyde, então, levantou brevemente os olhos, permitindo que o Sr. Utterson tivesse uma das piores visões de sua vida. O sujeito não tinha nenhum defeito físico, mas seu **SEMBLANTE** causava pavor, arrepio e nojo. Chegava a provocar náuseas. Lem-

 **TENEBROSA**: assustadora, terrível

 **SENTINELA**: ato de vigiar, espiar, guardar

 **MANCAR**: andar firmando o passo mais de um lado que de outro, em decorrência de alguma deficiência física

 **SE RECOMPÔS**: voltou ao normal

 **RUDEMENTE**: de modo rude, grosseiro

 **SEMBLANTE**: aparência, fisionomia, aspecto

brando-se da descrição que o Sr. Enfield fizera do homem que maltratara uma criança indefesa, não teve dúvidas: o herdeiro de Jekyll e ele eram o mesmo monstro.

– Como sabe meu nome? – perguntou o sujeito.

– Temos amigos em comum. Jekyll, por exemplo.

– Jekyll nunca lhe falou nada! – concluiu o Sr. Hyde, fechando a porta com violência.

**CONSTERNADO** com os desaforos do assistente, o Sr. Utterson rapidamente deu a volta no quarteirão e dirigiu-se a uma das casas que ficavam do outro lado do grande pátio. Tocou a campainha. Passado algum tempo, o mordomo Poole abriu a porta de pijamas, bocejando de sono.

– Boa-noite, Sr. Utterson. Aconteceu alguma coisa?

– Caro Poole, preciso falar com seu patrão, o Dr. Jekyll, com urgência. Diga-lhe que me perdoe pela hora.

Poole subiu as escadas, depois de acomodar o advogado no sofá, mas voltou em seguida com a notícia de que o médico não estava no quarto.

– O doutor deve estar trabalhando no laboratório, depois do pátio. Quando ele está lá, tenho ordens explícitas de não incomodá-lo sob hipótese nenhuma.

– Acabei de ver o Sr. Hyde entrar lá.

– Ah, sim, ele tem a chave. O doutor gosta muito dele e disse que todos os empregados devem tratá-lo bem. Fomos informados de que o Sr. Hyde pode entrar e sair da casa a hora que quiser.

**RESIGNADO**, o advogado olhou para baixo. Colocou as mãos na cabeça, num gesto de preocupação e, sentindo que não poderia fazer nada diante dos fatos, disse:

– Está bem, obrigado, Poole. Amanhã tentarei falar com ele. Boa-noite.

O Sr. Utterson foi finalmente para casa, mas não conseguiu dormir, pensando no estranho testamento e revivendo a terrível sensação que teve na presença do Sr. Hyde. “Pobre Jekyll”, pensou, “deve estar em apuros e não sabe como pedir ajuda”.

### Capítulo 3

## VISITA AO DR. JEKYLL

No dia seguinte, bem cedo, o Sr. Utterson recebeu um envelope contendo um convite para jantar na casa do Dr. Jekyll na próxima semana. Embora tivesse

 **CONSTERNADO**: profundamente triste, de ânimo abatido

 **RESIGNADO**: conformado

vontade de falar com o amigo o mais rápido possível, resolveu esperar até a noite do jantar. Afinal, há muito tempo Henry Jekyll não convidava os amigos para uma reunião.

O advogado tocou a campainha da casa do médico, pontualmente, uma semana depois. Foi muito bem recebido. O jantar, regado aos melhores vinhos importados, e a alegria das conversas fizeram todos se lembrarem dos velhos tempos. No final da noite, quando os convidados começaram a ir embora, o Sr. Utterson pediu ao mordomo Poole que o acompanhasse até o escritório de Jekyll. Aguardou com paciência a presença do amigo até que o último convidado saísse. A lareira acesa criava um local aquecido e aconchegante para a espera.

— Que bom que resolveu ficar mais um pouco — disse o médico, assim que entrou no escritório.

— Eu preciso lhe falar — afirmou o Sr. Utterson, com ar **SOLENE**. — É sobre o seu testamento.

— Caro Utterson, pensei que já tivesse superado esse assunto. Por que você e aquele desagradável do Lanyon não param um pouco de se preocupar comigo?

— Desculpe-me, mas se antes já não aprovava seu testamento, agora tenho mais motivos ainda para acreditar que alguma coisa séria está lhe acontecendo, algo que não pode revelar. Escute, Jekyll, quero que saiba que pode confiar em mim, seria incapaz de traí-lo.

— Sobre o que você está falando? Que motivos são esses? — perguntou o médico, **EMPALIDECENDO** subitamente e desviando o olhar para o canto da sala.

— Soube coisas terríveis sobre aquele seu protegido, Edward Hyde.

O Dr. Jekyll pensou alguns segundos, depois mudou o tom de voz e disse, de modo **ENFÁTICO**:

— Utterson, perdoe-me, mas esse é um assunto meu. Não quero mais discuti-lo.

— Você tem razão — disse o advogado, baixando a cabeça.

— Para sua tranqüilidade, saiba que posso me livrar de Hyde na hora em que eu quiser. Sei que vocês se encontraram, ele me contou. Sei também que ele não teve muito bons modos na sua presença. Peço que o desculpe, em nome de nossa amizade.

— Não gosto dele, Jekyll. Temo que lhe faça mal.

— Não há perigo, Utterson, meu interesse por ele é exclusivamente profissional. Não o obrigo a gostar dele, mas conto com sua dignidade para fazer valer meu testamento, caso eu não esteja mais entre vocês.

— Sim, caro Jekyll, como lhe disse, pode contar comigo. Peço-lhe somente uma coisa.

 **SOLENE**: pomposo, formal

 **EMPALIDECENDO**: perdendo a cor, ficando pálido

 **ENFÁTICO**: com ênfase, com determinação

— E o que seria essa coisa?  
— Quero saber o endereço do seu assistente, pois posso precisar entrar em contato com ele. Acho que é uma **CAUTELA** necessária, não acha?  
— Sim, sim — respondeu o médico, rabiscando o endereço de uma casa no Soho em um pedaço de papel, apesar de seu rosto demonstrar que fazia isso **À REVELIA**.  
Os dois se despediram com um forte abraço. O doutor aproveitou para fazer uma última **RECOMENDAÇÃO**:  
— Espero que esse assunto esteja finalmente encerrado.  
— Está bem — respondeu o Sr. Utterson, saindo pela rua escura, até sumir na neblina.

## Capítulo 4

# UM TERRÍVEL ASSASSINATO

Quase um ano depois daquele jantar, a cidade de Londres amanheceu manchada por um assassinato sem **PRECEDENTES**. Atormentada, uma empregada doméstica mal conseguiu descrever as barbaridades que testemunhou. Ela voltava para casa depois de um longo dia de trabalho. Abriu a janela do quarto de dormir para ver a lua, que naquela noite brilhava cheia no céu, quando observou dois homens caminhando em direção ao beco nos fundos de sua casa. Um deles era velho, contou; parecia sereno e bem-educado. O outro, ela reconheceu, era o Sr. Hyde, que algumas vezes havia visitado seu patrão. Segundo ela, o rapaz mancava, levava uma bengala na mão direita, era baixinho, curvado e tinha um aspecto **DEPLORÁVEL**.

Pois bem, os dois se cruzaram e pararam para conversar. O senhor parecia estar perguntando algum endereço ou coisa parecida, pois fazia gestos com a mão. De repente, o Sr. Hyde foi tomado de uma **CÓLERA** que o fez derrubar o outro homem, pisar e bater nele até que seu corpo fosse chutado para a **SARJETA**,

-  **CAUTELA**: cuidado
-  **À REVELIA**: contra a vontade
-  **RECOMENDAÇÃO**: aviso, advertência
-  **PRECEDENTES**: que precedem, que vêm antes; antecedentes
-  **DEPLORÁVEL**: detestável, abominável
-  **CÓLERA**: raiva, ira
-  **SARJETA**: escoadouro, nas ruas e praças públicas, para as águas da chuva; vala

ensangüentado e **INERTE**. Em seguida, o agressor fugiu, deixando para trás um pedaço da bengala, que se partira diante de tanta violência.

A empregada, depois de se recuperar de um estado de choque, chamou a polícia. O homem morto não carregava documentos, apenas um relógio de ouro e um envelope fechado com o nome e o endereço do Sr. Utterson.

Logo de manhã cedo, o advogado recebeu a carta. Leu-a e constatou ser um convite de um cliente seu. Disse que não diria nada, até ver o corpo. Depois de tomar seu café e se vestir, foi levado à delegacia.

— Meu Deus! — exclamou, assim que se deparou com o morto. — É ele mesmo, o Sr. Danvers Carew, membro do Parlamento.

— Não é possível! — indignou-se o delegado. — Será que o senhor pode nos ajudar a pegar o criminoso?

Logo o Sr. Utterson escutou toda a história relatada pela empregada. Em seguida, vendo a metade quebrada da bengala, seus olhos cresceram e ele sentiu um arrepio na espinha. A bengala havia sido um presente seu para Henry Jekyll tempos atrás, e agora Edward Hyde era o responsável pelo crime. Mais uma vez, havia uma estranha ligação entre eles.

— Não percamos tempo, senhores — disse o advogado aos policiais. — Eu sei onde esse Hyde mora.

Quando chegaram ao bairro do Soho, no endereço que Henry Jekyll havia anotado, a neblina noturna ainda não tinha levantado, o que tornava o local pobre e sujo ainda mais sombrio. A umidade do ar deixava um cheiro **ACRE** pelas ruas **ENLAMEADAS**. Bateram na porta com insistência e, então, uma senhora com aspecto **DESLEIXADO** e cabelos brancos os atendeu.

— Sim, é aqui que mora Edward Hyde. Cuido da casa e da limpeza — disse.

— Qual foi a última vez que a senhora o viu?

— Esta noite. Chegou tarde, andou de um lado para o outro durante um longo tempo e saiu hoje bem cedo. Ele é assim, não tem rotina. Para se ter uma idéia, estava há dois meses sem aparecer.

— Precisamos revistar o quarto dele — afirmou o delegado.

Amedrontada com a presença da polícia, pois parecia que algo de importante estava para acontecer, a senhora permitiu a passagem dos homens para dentro da casa. O quarto de Hyde estava todo revirado. Havia roupas espalhadas e o armário estava aberto. Até os quadros da parede estavam caídos no chão. A outra metade da bengala foi encontrada embaixo da cama. Na lareira, um monte de cinzas indicava que papéis tinham sido queimados. Um dos policiais chamou a atenção dos outros:

— Há um canhoto de cheque no meio das cinzas. Deve ter escapado do fogo.

-  **INERTE**: sem se mexer
-  **ACRE**: de aroma forte, áspero, seco
-  **ENLAMEADAS**: cheias de lama
-  **DESLEIXADO**: desarrumado

— Deixe-me ver — disse o delegado. — Certo, vamos até o banco. Uma hora ou outra ele terá de aparecer, pois dinheiro é essencial. Tudo prova que ele foi mesmo o assassino do Sr. Danvers Carew.

Não encontraram nenhuma fotografia do fugitivo, mas o descreveram minuciosamente aos caixas e funcionários do banco. Assim que vissem um homem com **ÍNDOLE** tão má, que lhes causasse arrepios mesmo de longe, a polícia deveria ser **ACIONADA**.

## Capítulo 5

### AS DUAS CARTAS

Depois da manhã agitada, o Sr. Utterson almoçou e foi bater na porta de Henry Jekyll. Poole o conduziu, pela primeira vez em anos, ao laboratório do médico, pois, segundo o mordomo, seu patrão não se sentia disposto para atravessar o pátio até o outro lado da casa. A ante-sala do laboratório era particularmente escura, cheia de vidros contendo líquidos coloridos e aparelhos de química. As paredes estavam descascadas e o frio era intenso. Ao atravessarem a ante-sala, o ambiente ficou um pouco mais quente, pois o fogo ardia na lareira. Um lampião também estava aceso, pois até lá dentro havia um pouco de neblina.

O Dr. Jekyll parecia mesmo doente. Sentado em uma poltrona alta, nem levantou para cumprimentar o advogado. Estendeu a mão gelada, ajeitou uma manta sobre as pernas e fez sinal para que Poole os deixasse sozinhos.

— Já sei de tudo, Utterson — disse, com a voz rouca. — As pessoas passam aqui ao lado, na rua, gritando a manchete do jornal.

— Danvers Carew também era meu cliente, por isso tenho o dever de perguntar. Você está, de alguma forma, escondendo esse assassino?

— Utterson, juro por tudo o que é mais sagrado. Nunca mais quero ver este homem. Ele está a salvo, mas prometo-lhe que sumiu para sempre.

— Escute, Jekyll, seu nome pode aparecer, caso haja um processo.

— Acredite em mim, caro amigo. Não sei onde ele está, mas recebi uma carta hoje que tenho medo de mostrar à polícia. Será que posso entregá-la a você? Julgue como quiser. Temo apenas pela minha reputação.

-  **ÍNDOLE:** temperamento, caráter
-  **ACIONADA:** posta em ação, chamada

A carta era realmente bastante estranha. Com uma letra esticada, Edward Hyde a assinava e dizia que seu mestre, o Dr. Henry Jekyll, não deveria se preocupar com a sua segurança, pois ele tinha meios de fugir sem deixar **RASTRO**. Pedia também desculpas por ter sido tão ingrato diante de toda a ajuda e generosidade recebidas durante o tempo em que trabalharam juntos.

Desconfiado, o advogado perguntou pelo envelope.

— Queimei-o sem pensar. Não tinha carimbo, foi entregue em mãos.

— Uma última pergunta — disse o Sr. Utterson. — Foi Hyde quem lhe ditou o testamento, especialmente aquela parte de “em caso de desaparecimento por mais de três meses”?

— Sim — disse o médico, envergonhado.

— Eu sabia, você escapou da morte por pouco.

Cauteloso, o Sr. Utterson perguntou a Poole sobre a pessoa que entregara uma carta de manhã, mas o mordomo assegurou o advogado de que apenas o correio havia deixado alguns impressos naquele dia. “A carta chegou pelo laboratório”, pensou. “Será que Hyde ainda tem a chave?”

Chegando em casa, o Sr. Utterson foi direto para seu escritório. Uma desconfiança lhe causava certo nervosismo, por isso resolveu tirar a limpo suas dúvidas. Abriu a gaveta da escrivaninha e retirou o convite que recebera do Dr. Jekyll para jantar um ano atrás. O advogado era um homem extremamente organizado, gostava de guardar tudo o que pudesse ser importante. Na ocasião do jantar, resolveu manter o convite por intuição; talvez ele lhe servisse para solucionar algum mistério.

— Eu estava certo! — exclamou para si próprio, com uma mistura de surpresa e medo.

A comparação da carta de Hyde com o convite de Jekyll mostrava que as letras eram quase idênticas. A do médico era ligeiramente deitada, enquanto a de seu assistente parecia meio deformada, esticada para o alto. Mas o formato das letras e o estilo tinham muita semelhança.

Naquela noite, não conseguiu dormir sequer um minuto. “Henry Jekyll pode ter forjado aquela carta para proteger um assassino perigoso”, pensava sem parar, sentindo **CONSECUTIVOS** arrepios de pavor.



**RASTRO:** pista



**CONSECUTIVOS:** vários, diversos, um atrás do outro

## Capítulo 6

# O DR. LANYON TEM UM CHOQUE

Dois meses se passaram e a recompensa a ser paga pela captura do Sr. Hyde aumentava de valor. Apesar disso, o assassino havia, de fato, sumido do mapa. Nas ruas, as pessoas falavam de sua **NOTÓRIA** crueldade, de sua falta de caráter e de sua aparência assustadora.

O Dr. Jekyll, por outro lado, estava mudado. Voltara a receber os amigos com frequência, a sair de casa de vez em quando, a ser um homem caridoso e religioso. Visitava pessoas doentes e as ajudava, fosse com seus conhecimentos de medicina ou apenas com palavras de **ENCORAJAMENTO**.

No dia 8 de janeiro, o médico resolveu organizar um jantar. O Sr. Utterson e o Dr. Lanyon foram convidados. Os três companheiros se olhavam com satisfação, como nos velhos tempos. Quatro dias depois, porém, no dia 12, o Sr. Utterson bateu na porta do amigo, com quem costumara conviver quase diariamente nos últimos dois meses, e foi informado por Poole de que o doutor já estava em seus aposentos. Isso ocorreu novamente nos dias 14 e 15.

Como Utterson ficou preocupado, com medo de que o Dr. Jekyll estivesse voltando ao isolamento, resolveu ir à casa do Dr. Lanyon para discutir o assunto. Chegando lá, levou um susto: o médico parecia ter contraído uma terrível doença. Estava bem mais magro do que na semana anterior, tinha perdido muitos fios de cabelo e aparentava ter envelhecido **SUBITAMENTE**. O pior é que levava no rosto pálido uma profunda expressão de terror.

— Meu Deus, Lanyon, o que houve com você? — perguntou o advogado.

— Estou condenado — respondeu o médico, sem **RODEIOS**. — Levei o maior choque da minha vida e sei que nunca vou me recuperar. Deixarei este mundo em questão de semanas.

Embora curioso, o Sr. Utterson ficou constrangido em perguntar que choque seria aquele. Calou-se por alguns instantes e depois resolveu mudar de assunto:

— Jekyll não quer me receber. Sabe se ele também está doente?

O Dr. Lanyon teve praticamente um ataque de raiva e disse, quase aos berros:

— Rompi relações com essa pessoa e gostaria que seu nome não entrasse nesta casa. Para mim, ele está morto.

-  **NOTÓRIA**: conhecida de todos
-  **ENCORAJAMENTO**: ato ou efeito de encorajar
-  **SUBITAMENTE**: de modo súbito; repentinamente, de repente
-  **RODEIOS**: desculpas, evasivas, vias indiretas de abordar um assunto

— Assim estou ficando desesperado. O que posso fazer para ajudar vocês dois? Somos três velhos amigos, Lanyon. Por que você não me conta o que aconteceu?

— Você não pode fazer nada. Saberá de tudo um dia, depois que eu me for. Agora falemos sobre outra coisa ou, por favor, deixe-me sozinho, caro Utterson.

A voz trêmula do Dr. Lanyon contrastava com a determinação com que rejeitava a lembrança de Jekyll. O advogado percebeu que não iria arrancar-lhe nenhuma explicação. Foi, por fim, embora, ofendido, e resolveu escrever uma carta ao Dr. Jekyll, perguntando o motivo de ele e o Dr. Lanyon terem rompido seus laços de amizade. Em resposta, o médico enviou outra carta, a qual continha explicações misteriosas.

“Também estou condenado, meu velho amigo. Talvez Lanyon tenha razão em não querer me ver”, dizia o médico. “Atraí para mim o pior castigo que pode acontecer a um ser humano e, por isso, terei de conviver com ele. A partir de agora, viverei **TRANCAFIADO** em meu laboratório. Não duvide da nossa amizade e do meu apreço por você, mas, por favor, respeite minha necessidade de **RECLUSÃO**. Sou o maior sofredor que já existiu.”

O advogado não acreditava no que lia. Imaginou tratar-se de loucura, mas as palavras de Lanyon sugeriam algo mais grave. “Será que Jekyll voltou a conviver com Hyde? Seria esse o grande mistério? Por que o médico abdicaria de uma velhice feliz e produtiva em favor de más companhias?”, pensava.

Três semanas depois, o Dr. Lanyon morreu. Deixou uma carta ao Sr. Utterson, em um envelope lacrado. O advogado teve medo de abri-lo, pois, na frente, estava escrito: *Confidencial. Para o Sr. J. G. Utterson. Caso ele morra antes de mim, destruir sem ler.* Mesmo assim, tomou-se de coragem e arrancou o lacre. Ele não acreditou no que viu. Dentro havia outro envelope escrito: *Somente deve ser aberto após a morte ou desaparecimento do Dr. Henry Jekyll.* Novamente, a palavra “desaparecimento” estava ligada ao nome do Dr. Jekyll. Qual seria o sentido disso? Em seu ponto de vista, Hyde a escrevera no testamento para acelerar uma possível herança, mas por que Lanyon a escreveria? Uma vontade enorme de romper o segundo lacre se apossou do Sr. Utterson. Ele ficou horas com o envelope numa mão e a espátula na outra, ansioso para ler o conteúdo da carta. Porém, a **INTEGRIDADE** profissional falou mais alto dentro dele, fazendo-o guardar a carta no cofre. O Sr. Utterson era **CENTRADO** o bastante para dominar sua curiosidade.

Depois daquele dia, o advogado ainda tentou falar com o Dr. Jekyll algumas vezes, mas, como nunca era recebido, acabou **ESPAÇANDO** as visitas. A única notícia que recebia de Poole era que o médico andava triste, calado e passava a maior parte do tempo no laboratório.

-  **TRANCAFIADO**: fechado, preso
-  **RECLUSÃO**: prisão, cárcere
-  **INTEGRIDADE**: imparcialidade, pureza
-  **CENTRADO**: controlado, comedido
-  **ESPAÇANDO**: aumentando o espaço ou intervalo de tempo

## Capítulo 7

# TERROR NA JANELA

Certo domingo à tarde, o Sr. Enfield foi à casa do Sr. Utterson chamá-lo para mais uma caminhada. Saíram andando em silêncio, como de costume e, depois de meia hora, passaram, por acaso, ou talvez inconscientemente, em frente à porta do laboratório do Dr. Jekyll.

— Você deve me achar um tolo, primo, por ter lhe contado aquela história da menina pisoteada, sem mencionar que esta é a porta que dá fundos para a casa do Dr. Jekyll — disse o Sr. Enfield.

— Quando descobriu ser meu amigo médico o dono desta porta? — perguntou o advogado.

— Logo depois da nossa conversa. Em parte pelo seu espanto diante do que eu contei, resolvi perguntar pela vizinhança e acabei descobrindo.

— Já que você sabe, vamos tentar dar uma espiada na janela de Jekyll pelo pátio? Ele está adoentado e não quer receber ninguém, mas talvez sinta-se melhor com a presença de um amigo, mesmo que de longe.

— Vamos, sim. Pobre Jekyll.

Os dois conseguiram entrar no pátio escuro e frio, um lugar de atmosfera **SINISTRA**, onde a neblina ficava acumulada. Logo viram o médico sentado perto da janela, com o olhar fundo, como se sofresse de uma dor aguda.

— Como vai, Jekyll? — perguntou o Sr. Utterson. — Viemos lhe fazer uma visita.

— Olá, Utterson. Olá, Enfield. É bom vê-los.

— Está melhor?

— Ainda me sinto muito fraco, mas sinto que o fim de tudo isso está próximo, graças a Deus.

O Sr. Enfield **INTERCEDEU**:

— Não gostaria de vir caminhar conosco, Jekyll? O exercício faz bem, traz **DISPOSIÇÃO**. Você, como médico, deve saber disso.

— Sei sim e agradeço o convite, mas realmente não tenho condições de sair. Gostaria de convidá-los para entrar, mas a ocasião não é apropriada.

— Não se preocupe. Podemos conversar com você daqui mesmo — falou o Sr. Utterson.

-  **SINISTRA**: ameaçadora, temível
-  **INTERCEDEU**: interveio, pediu
-  **DISPOSIÇÃO**: ânimo, saúde

— Que bom ver rostos amigos... — disse o médico, **ESBOÇANDO** um sorriso nos lábios.

Mal disse isso e seu sorriso se transformou, quase instantaneamente, em uma expressão de horror. Os dois primos sentiram um arrepio gelado atravessar suas espinhas à medida que a janela do quarto do Dr. Jekyll se fechava com força, não se sabe se pelas mãos do médico ou por alguma força **EXTRA-SENSORIAL**. Sem falar nada, deixaram o pátio e desceram a rua, em passos largos, até chegarem em um local iluminado, onde mais gente estivesse circulando. Entreolharam-se e disseram, quase ao mesmo tempo:

— Deus do céu!

Continuaram a caminhar calados, apavorados, até chegarem em suas casas.

No domingo seguinte, o terror assistido do pátio naquela noite pareceu se confirmar, quando se ouviram batidas firmes e secas na porta do Sr. Utterson.

— Poole, por misericórdia, o que faz aqui? — perguntou, em tom de desespero, o advogado, assim que viu o mordomo.

— Tem alguma coisa errada, Sr. Utterson — respondeu Poole, tremendo de frio e pavor.

— Sente-se, aqueça-se perto da lareira e me responda: o seu patrão está doente?

— Não sei, mas estou com muito medo. Não agüento mais, já faz uma semana.

— Pelo amor de Deus, Poole, diga-me o que há.

— O doutor está trancado no laboratório e... e... acho que aconteceu um crime — disse, por fim, olhando para o chão, sem coragem de encarar o advogado.

O Sr. Utterson se levantou imediatamente, pegou o casaco e disse:

— Vamos para lá agora, Poole. O que você está me dizendo? Que crime é esse?

— Graças a Deus! Eu temia que o senhor não quisesse ir. Não tenho coragem de contar, é preciso enxergar com os próprios olhos.

Os dois saíram caminhando rápido. Um vento fora do comum estava soprando, fazendo as árvores se **ENVERGAREM** contra as cercas e as pessoas se trancarem em casa. O barulho da ventania, a escuridão da noite e o deserto das ruas faziam o Sr. Utterson sentir o sangue gelando nas veias e Poole secar o suor frio do rosto sem parar.

-  **ESBOÇANDO**: deixando entrever
-  **EXTRA-SENSORIAL**: que não se efetua pelos sentidos
-  **ENVERGAREM**: curvarem, arquearem

## Capítulo 8

# SUSPENSE NO LABORATÓRIO

Assim que chegaram na casa do médico, Poole bateu na porta.

— Quem é? — perguntou, em tom de choro, uma voz feminina.

— Sou eu, Poole.

— Graças a Deus, Poole, você trouxe o Sr. Utterson — respondeu a arrumadeira da casa, abrindo a porta.

Todos os empregados estavam na sala da casa, com cara de pavor. A cozinheira começou a soluçar assim que o advogado chegou; seus gemidos aumentavam, beirando a histeria, e todos foram se desesperando ainda mais. Até que Poole a sacudiu com força e gritou:

— Controle-se, pelo amor de Deus! Vá buscar uma vela e vamos resolver logo isso.

Os outros empregados se assustaram com a rigidez do mordomo, mas o clima de terror ficou mais ameno depois disso. Assim que a vela chegou, Poole levou o advogado até o laboratório. Atravessaram o pátio escuro, o anfiteatro onde, anos antes, o Dr. Jekyll **MINISTRARA** aulas de medicina, chegaram perto da escada e da porta do gabinete do médico. No chão, havia caixas espalhadas e besouros caminhando. Poole advertiu o Sr. Utterson:

— Escute, apenas escute com atenção. Se lhe pedir para entrar, por favor, não vá.

O advogado, que estava cada vez mais apreensivo diante de tantos mistérios, **CONSENTIU** com a cabeça, enquanto Poole colocava o castiçal no corrimão da escada e batia na porta.

— Dr. Jekyll, sou eu, Poole. O Sr. Utterson está aqui. Veio visitar-lhe.

— Diga-lhe que não quero ver ninguém — respondeu uma voz rouca e trêmula lá de dentro.

Poole fez sinal para que o Sr. Utterson o acompanhasse até a cozinha, onde puderam conversar.

— Ouviu a voz do meu patrão? — perguntou o mordomo, ansioso.

— Ouvi e não a reconheci — respondeu o advogado.

— Exatamente! — exclamou Poole. — Era isso que eu queria lhe dizer. Meu patrão foi morto há uma semana e aquela pessoa lá dentro o matou. Todos nós ouvimos seus gritos de pavor.

— Mas Poole, se Jekyll está morto, o que faria o assassino ficar no local do crime por mais de uma semana?



**MINISTRARA**: dar, administrara



**CONSENTIU**: concordou, aprovou





— Escute, senhor, vou contar-lhe o que se passou. Durante os últimos oito dias, recebi bilhetes do meu patrão, passados por baixo da porta do gabinete, pedindo-me que lhe arranjasse um tipo específico de droga. Fui a diversos farmacêuticos da cidade, mas toda vez que eu comprava o medicamento e o deixava na porta do laboratório, recebia outro bilhete pedindo que voltasse e trouxesse uma droga mais pura. Acontece que, em um desses dias, resolvi esperar escondido que ele abrisse a porta do gabinete para pegar a droga. Desconfiei de algo e queria ver como meu patrão estava.

— E então? — perguntou, aflito, o advogado.

— Eu o vi, senhor, eu o vi. A coisa mais horrível. Não era o meu patrão, que conheço há mais de vinte anos. Era quase um anão, parecia levar uma máscara no rosto; tinha algo de deformado. Não agüentei e gritei. Aquela coisa, não sei se era um homem ou um bicho, quando me viu, saiu correndo e se trancou de novo.

— Poole, diga-me. Essa pessoa era quem eu estou pensando?

O mordomo deixou escapar uma lágrima dos olhos e respondeu:

— Sim, Sr. Utterson, só uma pessoa neste mundo até hoje me causou pânico. Parecia um animal feroz procurando a droga atrás da porta. Era ele... tenho quase certeza... era o Sr. Hyde. O senhor, que já se encontrou com ele, pode confirmar: não é uma criatura que faz o sangue gelar e as pernas perderem a força?

— Sim, caro Poole, Hyde é medonho, e eu acredito em você. Aliás, era exatamente isso que eu temia. Meu pobre amigo deve mesmo estar morto e seu terrível assassino está aí dentro, escondido.

— O que faremos, senhor? — perguntou o mordomo, agora quase chorando de verdade.

— Vamos arrombar a porta.

— Mas, senhor...

— Escute, Poole, estamos em uma situação muito delicada. Assumirei todas as responsabilidades por nossos atos. Seja lá o que aconteça depois de derrubarmos a porta, você não será prejudicado. Agora acalme-se e descubra alguma coisa que nos ajude a colocá-la abaixo.

Poole respirou, aliviado, e foi buscar o machado dentro do anfiteatro.

## Capítulo 9

### A NOITE DERRADEIRA

Bradshaw, o copeiro, foi chamado. O rapaz apareceu assustado.

— Fique calmo, Bradshaw — disse o Sr. Utterson. — Poole e eu vamos arrombar a porta, mas precisamos da sua ajuda. Quero que saia da casa e vigie a porta

do laboratório por fora. Não podemos correr o risco de o assassino fugir. Se quiser, leve o jardineiro junto.

Enquanto o rapaz se dirigia para o lado de fora da casa, o advogado e o mordomo atravessaram novamente o pátio, desta vez carregando o castiçal e o machado. A lua estava parcialmente coberta pelas nuvens. O pátio se transformara em um verdadeiro poço de neblina e sombras. Ao atravessarem o anfiteatro, ouviram os passos entrecortados dentro do laboratório.

— Esta criatura caminha dia e noite, senhor. Escute bem, estes passos pesados não são do doutor — alertou Poole.

— Não há nenhum outro barulho aí dentro?

— Uma vez escutei um choro agudo, parecia um soluço de mulher. Era um gemido de desespero, tão alto que me fez ficar angustiado. Quase chorei também.

— Por Deus, Poole, isso é cruel demais! Mas não vamos mais perder tempo. Acho que chegou a hora — disse o advogado. — Bradshaw já deve estar em seu posto.

Poole pegou o machado, o Sr. Utterson colocou o castiçal sobre uma mesa e gritou, com energia:

— Jekyll, sou eu, Utterson! Quero vê-lo!

Uma voz trêmula e rouca respondeu lá de dentro:

— Utterson, por misericórdia, já lhe pedi, deixe-me em paz...

— Esta não é a voz de Jekyll, é a de Hyde. Arrombe a porta, Poole.

O machado entrou com **RIGIDEZ** na madeira sólida da porta. Fez-se um barulho **ENSURDECEDOR**. Poole levantava o machado acima dos ombros e **DESFERIA** golpes certos perto das dobradiças. **GRUNHIDOS** de horror saíam do laboratório, como se um animal estivesse sendo ameaçado por um caçador. Por fim, após o quinto ou sexto golpe, a pesada porta tombou no chão, espalhando poeira por todo lado e causando um **ESTRONDO** só ouvido em locais de demolição.

Depois de alguns segundos, Poole e o Sr. Utterson adentraram a sala. A lâmpada estava acesa. A chaleira apitando indicava que o chá já tinha fervido. Havia louça sobre a mesa e alguns papéis espalhados. O ambiente, estranhamente, parecia de muita paz, não fosse pela visão que tiveram alguns passos adiante.

O corpo de um homem jazia no chão, bem próximo à janela. Ao chegarem mais perto, reconheceram tratar-se de Edward Hyde, todo encolhido, como se tivesse sofrido dores **ATROZES** antes de morrer, vestido com roupas largas, maiores do que ele. Abaixaram-se e retiraram o vidro que estava em uma das mãos dele.

-  **DERRADEIRA**: última
-  **RIGIDEZ**: dureza, rigor
-  **ENSURDECEDOR**: que ensurdece, deixa surdo
-  **DESFERIA**: aplicava, dava
-  **GRUNHIDOS**: vozes que lembram a do porco ou a do javali
-  **ESTRONDO**: grande barulho ou ruído
-  **ATROZES**: desumanas, bárbaras, cruéis

— É veneno, Poole — disse o advogado, após cheirar o frasco. — Este homem se matou.

— Chegamos tarde, Sr. Utterson. Agora precisamos encontrar o corpo do Dr. Jekyll.

Procuraram por toda parte, abriram armários cheios de teias de aranha, destruíram o assoalho, subiram ao sótão e nada. A mesa perto da porta do gabinete estava cheia de um pó branco.

— Esta é a droga que eu lhe trazia — apontou Poole.

Na escrivaninha, o advogado estranhou ver livros religiosos, que o Dr. Jekyll tanto admirava, rabiscados com palavras pecadoras e **VEXATÓRIAS**. Mais adiante, encontraram um espelho.

— Para que Jekyll usava este espelho, Poole?

— Só Deus sabe, senhor, mas acredito que este espelho tenha testemunhado cenas das mais **LÚGUBRES**.

Observando o corpo de Hyde de vez em quando, continuaram a caminhar pelo laboratório até encontrarem um grande envelope com o nome do Sr. Utterson, escrito com a letra do Dr. Jekyll. Dentro, havia vários papéis. O primeiro era um novo testamento, no qual Henry Jekyll passava todos os seus bens ao Sr. Gabriel John Utterson após sua morte ou desaparecimento. O advogado olhou para o cadáver e disse:

— Não entendo, Poole. Hyde sabia do testamento e estava de posse dele há dias. Por que não o destruiu antes de morrer, depois de ter matado seu patrão? Por que não quis ficar com a herança?

Continuou a folhear os papéis e encontrou um bilhete do médico.

— Olhe, Poole, é um bilhete de Jekyll com data de hoje. Ele estava vivo hoje! O que terá acontecido? Será que Jekyll matou Hyde e fugiu? Meu Deus...

— Leia o bilhete, Sr. Utterson, por Deus!

O advogado chegou perto do fogo da lareira e leu, em voz alta:

*“Querido amigo Utterson,*

*Quando estiver de posse deste papel, já terei desaparecido. Não posso calcular o que irá acontecer, mas sinto que o fim está próximo. Lanyon me disse que lhe escreveu um relato. Leia-o primeiro, depois, se quiser, leia a minha confissão.*

*De seu triste e fiel amigo,*

*Henry Jekyll”.*

Por fim, o Sr. Utterson pegou o último documento que estava dentro do envelope, o que devia ser a confissão mencionada no bilhete. Em seguida, disse ao mordomo:

— Poole, preciso ir para casa ler a carta de Lanyon e também esta aqui, escrita por Jekyll. São dez horas. Vamos sair deste gabinete e trancar a porta da antecâmara do laboratório. Volto no máximo à meia-noite. Espero ter alguns esclarecimentos importantes, então poderemos chamar a polícia.

 **VEXATÓRIAS:** que provocam vexame, vergonha

 **LÚGUBRES:** escuros, sombrios, sinistros, tristes, fúnebres

Ainda sentindo todo o impacto da situação, Poole e os outros empregados reuniram-se na sala de estar da casa, perto da lareira, aguardando ansiosos a volta do advogado.

## Capítulo 10

# UM APELO DESESPERADO

O Sr. Utterson correu para casa. No caminho, a ansiedade atropelava milhões de dúvidas em sua mente. Mal podia se conter quando entrou no escritório e pegou a carta que havia guardado no cofre. Tirou apressadamente o lacre e começou a ler:

*“No dia 9 de janeiro, quatro dias atrás, recebi uma carta do meu amigo e colega de profissão Henry Jekyll, em envelope registrado. A formalidade da carta me intrigou, pois eu havia jantado em sua casa na noite anterior e ele nada havia mencionado. De qualquer maneira, o conteúdo das informações era bastante misterioso. Jekyll me fazia o seguinte pedido:*

*Caro Lanyon,*

*Sei que temos algumas desavenças profissionais, mas tenho-o como um grande e estimado amigo. Sendo assim, quero dizer-lhe que dependo de você para me ajudar esta noite. Minha honra, minha sanidade e, principalmente, minha vida, estão em suas mãos. Sei que vai se assustar com estas palavras, mas, por favor, julgue-me como achar melhor.*

*Peço que cancele todos os seus compromissos e leve esta carta à minha casa. Meu mordomo, Poole, vai estar esperando-o junto com um serralheiro. Vocês devem arrombar a porta do meu gabinete, mas somente você deve entrar lá. Abra, então, a gaveta com a letra E, que é a terceira, de baixo para cima, no armário perto da mesa. Ela contém alguns pós, um frasco e um caderno. Quero que leve esta gaveta, **INTACTA**, para sua casa.*

*À meia-noite, você deverá aguardar uma pessoa que baterá à sua porta em meu nome. Certifique-se de que seus empregados estejam dormindo e receba-o sozinho, em seu con-*

sultório. Entregue-lhe a gaveta e você terá, finalmente, toda a minha gratidão. Depois de cinco minutos, você entenderá o porquê dos meus pedidos aparentemente fantásticos.

Lanyon, tenho certeza de que você não irá me faltar. Minhas pernas perdem a força só de imaginar que algo dê errado. Estou completamente tomado por uma angústia profunda e tenebrosa. Só você pode me salvar. Ajude-me, por favor.

De seu amigo,

H. J.

P.S.: Caso o correio falhe e entregue esta carta somente amanhã, faça os favores que lhe pedi na hora em que achar mais apropriada e aguarde meu mensageiro à meia-noite. Se ele não vier, é porque pode ter sido tarde demais. Sendo assim, é possível que nunca mais veja Henry Jekyll. Adeus...

De fato, aquela carta me assustou. Pensei que Jekyll estivesse ficando louco, mas, diante de um pedido tão **CONTUNDENTE**, não pude deixar de atendê-lo. Fui imediatamente à casa de meu amigo. O mordomo também recebera uma carta pela manhã com instruções e já me aguardava com o serralheiro.

Atravessamos o pátio e chegamos ao gabinete. O serralheiro, depois de duas horas de trabalho duro, conseguiu arrombar a sólida fechadura. Ansioso, retirei a gaveta com a letra E e levei-a para casa. Dentro dela, encontrei uma espécie de sal cristalino e um líquido de cor vermelha escura. Tinha um cheiro forte, poderia ser fósforo ou algum tipo de éter. No caderno, havia anotações feitas durante um período de vários anos. Há cerca de um ano, as notas foram ficando mais espaçadas, e a palavra 'dupla' aparecia de vez em quando. Mais abaixo podia-se ler a informação 'FRACASSO TOTAL' em letras grandes.

Refleti e não consegui compreender como aquele material poderia comprometer a honra, a sanidade e a vida de um **RENOMADO** médico. Em estado de suspense que me encontrava, mandei os empregados irem dormir e carreguei meu revólver, somente por **PRECAUÇÃO**. Depois sentei-me em meu consultório, esperando a meia-noite".

-  **CONTUNDENTE**: incisivo, agressivo
-  **RENOMADO**: de bom nome; boa reputação
-  **PRECAUÇÃO**: cuidado

## Capítulo 11

# A REVELAÇÃO DO DR. LANYON

O Sr. Utterson lia o documento com a testa enrugada e os olhos apertados. Seu amigo Lanyon estava morto e Jekyll desaparecera. Ele lia cada palavra como se delas pudesse brotar uma solução para sua angústia.

*“Quase imediatamente após o relógio da sala soar doze badaladas, escutei alguém bater na porta. Abri e me deparei com um homem muito baixinho, todo curvado, como se sofresse de algum mal da coluna.*

*— Venho da parte de Henry Jekyll — disse, sem mostrar o rosto.*

*Deixei-o entrar. Antes, porém, ele olhou para trás, como se tivesse medo de que alguém estivesse em sua perseguição. Enquanto nos encaminhávamos para o consultório, mantive as mãos na arma, dentro do bolso. Finalmente, atravessamos a sala, o corredor e entramos no meu local de trabalho, bem mais iluminado. Aí então pude vê-lo com clareza. Fiquei completamente impressionado, pois em tantos anos de medicina, nunca havia visto um ser humano tão repugnante. Chamou-me a atenção o fato de a musculatura de seu rosto parecer repulsivamente rígida e flácida ao mesmo tempo. Senti imediata queda de pressão, o que fez minhas pernas ficarem trêmulas e meu suor gelar. Nunca havia sentido isso antes e me espantei com esses sintomas tão repentinos. As roupas do sujeito eram grandes demais para ele, a calça estava enrolada na bainha e a manga do paletó era tão longa, que revelava apenas a ponta dos dedos. Tentei ser simpático e convidei-o para sentar, mas a criatura parecia aflita:*

*— Onde está? — falou, quase gritando, com a voz rouca. — O-N-D-E E-S-T-Á?*

*— Calma, senhor. Eu ainda não o conheço.*

*O tal homem começou a ficar desesperado. Colocou a mão na garganta, como se estivesse a ponto de sufocar e disse:*

*— Quero a gaveta!*

*— Aqui está — disse eu, entregando-a, pois além de ter ficado com certa pena do visitante, achei que não agüentaria mais tanta curiosidade.*

*De posse da gaveta, o homem se comportou como um cão diante de um prato de carne crua. Salivou, seus olhos saltaram, seus dentes rangeram. Fiquei **PETRIFICADO** diante daquela cena.*

*— Comporte-se — disse eu, sem poder me conter.*

*Ele soltou um sorriso horroroso e **CÍNICO**. Pegou o frasco com o líquido vermelho e acrescentou um pó branco. A mistura começou a borbulhar, como algo*

 **PETRIFICADO**: imóvel ou estupefato de susto ou medo; paralisado

 **CÍNICO**: sem escrúpulos, hipócrita, sarcástico e oportunista

efervescente, e a mudar de cor. De vermelho passou a branco, depois virou cor de vinho e, finalmente, terminou em um líquido verde-claro. O homenzinho olhava as transformações, maravilhado. Terminado o preparo da poção, perguntou-me:

— A partir de agora, você poderá salvar um homem da angústia de um silêncio mortal e traçar os caminhos da fama. Quer aprender algo que irá abrir-lhe as portas para uma região completamente revolucionária do conhecimento, ou prefere que eu saia de sua casa agora?

— Senhor, não acredito nesta encenação de horror — respondi, tentando aparentar calma. — No entanto, acho que pedidos inexplicáveis demais me foram enviados hoje. Não pretendo ficar sem uma explicação.

— Então, veja com seus próprios olhos! — exclamou, em tom de deboche.

Pegou o frasco com as duas mãos e bebeu todo o conteúdo verde em um só gole.

Em seguida soltou um grito de dor; começou a se contorcer, até cair no chão. Meu instinto de médico me fazia ter vontade de ajudar, julgando que a criatura estivesse sofrendo uma convulsão, mas a cena era aterrorizante demais para me fazer levantar da poltrona. Seu rosto inchava e desinchava repetidas vezes, os olhos avermelhavam-se e a pele mudava de cor, revezando entre tons escuros e pálidos.

— Meu Deus! Meu Deus! — gritei, sem parar, finalmente conseguindo correr até a janela.

Minha respiração ficou difícil, meu coração disparou, pois, em vez daquela criatura medonha, um outro homem se mostrava aos meus olhos **INCRÉDULOS**. Abatido, trêmulo, quase sem enxergar direito, com ares de quem tivesse acabado de ressuscitar, estava Henry Jekyll.

O que ele me contou depois, não tenho coragem de relatar. Vi tudo, ouvi tudo e... basta! Desde aquela noite, não consigo mais dormir. Aquela cena se repete sem parar em minha mente, como um tormento. Sei que vou morrer logo, pois não poderei conviver com esse **ESTIGMA** de terror me acompanhando. Quanto a Jekyll, sua moralidade me causa arrepios. Só quero dizer-lhe uma coisa, Utterson. Não sei se você irá acreditar em mim, mas a criatura que adentrou minha casa naquela noite, segundo as palavras do próprio Henry Jekyll, era Edward Hyde, o homem perseguido pelo assassinato de Danvers Carew.

Hastie Lanyon”



**INCRÉDULOS:** que não acreditam, não crêem



**ESTIGMA:** cicatriz, marca

## Capítulo 12

# A EXPLICAÇÃO DETALHADA DO DR. HENRY JEKYLL

“Sempre tive tudo o que quis. Nasci em uma família rica, freqüentei boas escolas e me destaquei pela inteligência e sabedoria. Tornei-me um homem respeitado. Meu único problema era que gostava de aproveitar as boas coisas da vida, que, na minha opinião, eram **INCONCILIÁVEIS** com a posição séria que eu ocupava na sociedade. Depois de me tornar adulto, passei a levar uma verdadeira vida dupla, pois, diversas vezes, fazia loucuras que tinha vergonha de contar aos meus melhores amigos. Andava com más companhias, freqüentava locais de má fama, destruía e sujava bens públicos. Tudo isso dava um prazer incrível, mas me enchia de remorso no dia seguinte.

Refleti muito sobre isso e me dei conta de que meus dois lados eram completamente sinceros. Eu era tão autêntico sendo o médico talentoso e íntegro, conhecido de todos, quanto sendo o homem **DEVASSO** das noites de **LUXÚRIA**. Resolvi estudar o assunto, realizei pesquisas que me levaram a um conhecimento místico e transcendental. Algo me dizia que essas duas forças poderiam ser separadas, vividas distintamente, evitando assim qualquer tipo de arrependimento ou vergonha. Por que o corpo humano escravizava os gêmeos opostos presentes dentro de qualquer um? Por que o gêmeo bom não poderia seguir seu caminho, realizando boas ações e se sentindo completo com isso, enquanto o mau viveria livre dos medos e da consciência pesada imposta pelo outro?

Foi então que descobri que, misturando-se alguns componentes químicos, era possível criar reagentes capazes de transformar a carne humana, da mesma forma que o vento transforma o formato das nuvens. Não irei entrar em detalhes quanto aos reagentes, primeiro porque aprendi, depois de tanto sofrimento, que é impossível nos livrarmos dos nossos fardos e **CARMAS**. Segundo porque, como você vai descobrir durante a leitura, minhas experiências se mostraram incompletas, indignas de um registro científico sério.

Tive muito medo de testar a droga que criei. Sabia que, ao menor erro de

-  **INCONCILIÁVEIS**: que não se podem conciliar; incompatíveis, inconcordáveis
-  **DEVASSO**: libertino, dissoluto
-  **LUXÚRIA**: dissolução, libertinagem
-  **CARMAS**: nas filosofias da Índia, os conjuntos das ações dos homens e suas seqüências



dosagem, eu poderia ser totalmente desintegrado. No entanto, a curiosidade foi maior que o temor. Comprei grande quantidade de um determinado sal necessário para completar a poção e a preparei. Vi o líquido mudar de cor, efervescer e soltar fumaça. Depois, respirei fundo e bebi tudo de uma vez.

Imediatamente, senti as piores dores que um ser humano é capaz de sentir. Contorci-me, tive vontade de chorar, vomitar, gritar. Fui tomado de uma sensação de pavor que só deve ser experimentada no momento do nascimento ou da morte. Mas logo voltei ao normal. Uma onda de calor envolveu meu corpo; eu parecia mais moço, mais disposto. Podia observar uma série de imagens sensuais na minha mente. Senti-me livre das minhas obrigações, experimentei algo novo, um sopro de liberdade. Percebi, rapidamente, que eu era muito mais **PERVERSO** do que antes. Deliciei-me com esse momento como quem saboreia um copo de vinho. No entanto, notei que eu estava mais baixo.

Como na época não tinha espelho em meu gabinete, pois este, que está em minha frente, foi trazido para cá mais tarde, precisei ir até meu quarto para me observar. Atravessei o pátio escuro; a lua da madrugada fria de Londres pôde ver, pela primeira vez, uma criatura daquela espécie. Chegando lá em cima, sem fazer barulho para não despertar os empregados, vi finalmente a aparência de Edward Hyde.

Imagino que o fato de ele ser baixinho, **FRANZINO**, inclusive mais moço do que Henry Jekyll, devia-se ao fato de eu ter passado a maior parte da minha vida tentando escondê-lo. Meu lado virtuoso era muito mais exercitado e, por isso, mais desenvolvido. Edward Hyde tinha o mal estampado em todo o seu ser; algo de deformado surgia por trás das maçãs do rosto, dos fios de cabelo e do contorno do nariz. Contudo, eu sentia um prazer enorme em observar aquela aparição. O homem refletido no espelho também era eu, um ser humano tão natural quanto qualquer outro. Ao longo do tempo, percebi que as pessoas sentiam repulsa quando se aproximavam dele. Acredito que isso seja devido ao fato de todos nós contermos o bem e o mal dentro de nós. No caso de Hyde, ele era puro mal.

Depois de passar um bom tempo na frente do espelho, resolvi voltar ao meu gabinete. Era preciso testar a última parte do meu experimento. Tomei novamente a poção, sofri as mesmas dores da transformação, mas, por fim, tinha dado tudo certo: eu era Henry Jekyll de novo.

A partir daquela noite, passei a ter um tipo de jóia valiosa em minhas mãos. Uma vez que eu não conseguia deixar de aproveitar os prazeres de uma vida marcada por vícios, era necessário preservar a imagem do médico conceituado e respeitado. Eu só precisava tomar a poção para me libertar imediatamente desse rótulo de **AUSTERIDADE**. Aluguei então uma casa para Hyde, aquela no bairro do Soho, onde a polícia foi procurá-lo. Mobílei-a e coloquei uma senhora tomando

-  **PERVERSO**: maldoso
-  **FRANZINO**: fraco, frágil
-  **AUSTERIDADE**: inteireza de caráter; severidade, rigor

conta dela. Avisei meus empregados de que Hyde poderia circular livremente dentro de minha casa e escrevi aquele testamento, o qual foi motivo de tantas críticas suas, para evitar qualquer perda financeira, caso algo me acontecesse na pele de Henry Jekyll. Além disso, após o episódio em que Hyde pisoteou a garotinha de madrugada, precisei abrir uma conta no banco em nome dele, pois o fato de ele ter pago a família da menina com um cheque de Henry Jekyll foi um perigo.

Veja que maravilha: eu podia cometer o crime que fosse sem ser descoberto! Bastava entrar pela porta do laboratório e, em questão de segundos, eu passava a ser um homem acima de qualquer suspeita. Hyde fazia coisas das mais **INDIGNAS**. Eu me espantava com minha outra personalidade e, por vezes, apavorava-me com suas ações. Contudo, acabava me acalmando, afinal de contas, eu não tinha culpa de nada. Hyde era o responsável por tais atitudes.”

### Capítulo 13

## MÉDICO OU MONSTRO?

“Depois de algum tempo levando essa vida dupla, Edward Hyde começou a dar sinais de sua superioridade. Uma certa manhã, acordei em meu quarto, faminto, pronto para levantar e tomar café, quando levei um susto. Além de estar com a sensação de ser Hyde, olhei para mim mesmo e dei de cara com a mão peluda, de unhas grandes, exatamente a mão de meu suposto assistente. Corri para o espelho e me dei conta de que havia ido dormir sendo Henry Jekyll e acordara Edward Hyde.

Assustado, precisei atravessar a casa, o pátio e o laboratório de anatomia, vestido com roupas bem maiores que meu corpo, para chegar ao gabinete e preparar a droga. Poole olhou a cena com os olhos arregalados. Logo depois, recebeu o Dr. Jekyll na mesa, para servir-lhe o café da manhã.

Estranhamente, esse episódio passou a se repetir de vez em quando. A droga começou a funcionar de maneira irregular. Para voltar a ser Jekyll, eu agora precisava tomar doses duplas, até triplas da poção. Eu corria um grande risco de perder, aos poucos, minha personalidade original e adquirir, definitivamente, meu segundo eu.

Eu agora tinha de escolher entre os dois. Se optasse por Jekyll, não sabia se iria agüentar viver sem os prazeres que já faziam parte das minhas noites. Daria adeus à liberdade e à juventude. Se escolhesse Hyde, de uma só vez, ficaria isolado,

sem o respeito das pessoas e sem amigos. Enfrentava um dilema comum entre os mortais e resolvi fazer o que, acredito, a maioria das pessoas faria. Preferi ficar com o lado bom. Porém, por mais que eu tivesse tentado, não consegui conservá-lo.

Durante cerca de dois ou três meses, vivi sossegado, com a consciência limpa, pois não tinha nada do que me envergonhar. Apesar disso, não devolvi a casa do Soho, nem queimei as roupas de Hyde, como, a princípio, pensei em fazer. E foi exatamente por ainda estar profundamente ligado ao meu outro eu que, uma noite, não resisti e preparei a poção. Os desejos da vida **PROFANA** me angustiam. Sentia-me tentado a beber o líquido efervescente como um alcoólatra em **ABSTINÊNCIA** diante de um copo de bebida.

Assim que me transformei em Edward Hyde, um mal **DESBRAVADOR** se apoderou de mim. Parecia que um monstro adormecido acordara com fome, com apetite para o vampirismo. Saí vagando pelas ruas, à procura de emoções fortes. Foi nessa noite que me deparei com o Sr. Danvers Carew. Pobre homem, ataquei-o por nada. Minha ira era mais forte que eu e não me deixava parar de bater. Cada golpe de bengala proporcionava um prazer incrível aos meus sentidos.

Quando finalmente matei a vítima, o medo tomou conta de mim. Corri para a casa do Soho e queimei meus papéis, para evitar que viessem a saber mais coisas sobre minha vida. Voltei, então, rapidamente para o laboratório e preparei a bebida. Hyde tomou-a com avidez, como se bebesse o sangue quente de sua **PRE-SA**. Jekyll retomou sua personalidade chorando de arrependimento.

Na manhã seguinte, fiquei sabendo que o crime tivera uma testemunha. Isso, de certa forma, causou-me uma satisfação imediata. Por fim, Hyde nunca mais poderia aparecer. Se meu lado mau colocasse os pés para fora, seria preso ou **LINCHADO**. Resolvi ser Jekyll, apenas Jekyll, e você, Utterson, é testemunha de que desempenhei bem o meu papel. Trabalhei muito, ajudei pessoas, reuni os amigos.

No entanto, o destino me pregou outra peça. Era uma bela manhã de janeiro; saí para uma caminhada e me sentei em um banco do Regent's Park para descansar. Observava os passantes, imaginando a dualidade de cada um. De repente, uma terrível sensação invadiu meu corpo. Senti náuseas, dores no peito e na cabeça. Deitei-me na grama, respirei fundo até o mal-estar passar. Quando melhorei, sentei-me de novo no banco. Percebi que meus pensamentos estavam mais soltos, meus medos haviam desaparecido, assim como a angústia que me acompanhava desde o dia do assassinato do Sr. Carew. Olhei para baixo e percebi que minha roupas estavam folgadas, minha mão tinha pêlos. De uma hora para outra, eu me transformara no homem monstruoso que eu queria esquecer.

-  **PROFANA:** contrária ao respeito devido a coisas sagradas
-  **ABSTINÊNCIA:** privação de certos alimentos, bebidas, ou de algo que dê prazer, por penitência ou necessidade
-  **DESBRAVADOR:** a pessoa que desbrava, explora
-  **PRESA:** coisa ou pessoa arrebatada ou apreendida com violência; vítima
-  **LINCHADO:** morto sem julgamento

Como iria me livrar dessa situação? Após a morte do parlamentar, resolvi destruir a chave do laboratório, assim eu não cairia na tentação de sair por aquela porta lateral fazendo maldades. Se entrasse pela porta da frente de minha casa, seria denunciado por meus próprios empregados. A única coisa que eu ainda possuía da minha personalidade original era a letra, por isso, resolvi agir rápido.

Arrumei minhas roupas o melhor que pude e, **ESGUEIRANDO-ME** pelas esquinas, consegui chegar a um hotel. O recepcionista sorriu ao me ver com roupas tão grandes. Sem mostrar os olhos, de cabeça baixa, rangi os dentes, em um **ÍMPETO** de fúria. Amedrontado, ele imediatamente me encaminhou a uma sala reservada, como eu pedira, sem fazer sequer um comentário. Lá escrevi duas cartas, uma para Lanyon e outra para Poole, contendo instruções. Eles eram minha única saída. Pedi ao recepcionista que as registrasse e colocasse no correio. Passei o resto do dia esperando, sentado perto da lareira do hotel, sem me dirigir a ninguém, cobrindo o rosto para não ser desvendado.

Quando a noite chegou, saí caminhando em direção à casa de Lanyon. Eu contava os minutos para a meia-noite e fazia de tudo para controlar meus instintos. O ódio que sentia era tão grande, que quando uma senhora perguntou se eu não gostaria de comprar fósforos, dei-lhe um tapa na cara e corri, cruzando a rua. Deliciado por essa atitude, olhei rapidamente para trás e a vi limpando o rosto ensangüentado. Sentia um prazer indescritível em fazer o mal.

Na casa de Lanyon, tomei a droga e voltei ao meu lado bom. Procurei explicar a ele tudo o que estava se passando, mas uma espécie de sono insistente se abatia sobre mim. Não sei se fui claro o suficiente, pois fui condenado por Lanyon e sabia que Hyde também me condenara a viver eternamente com medo dele. Pelo menos cheguei em casa a salvo. Dormi pensando que tudo estava melhor; eu agora tinha a droga ao alcance das mãos, caso o monstro se apoderasse de meu corpo mais uma vez.

De manhã, levantei-me com calma, tomei café e fui aproveitar um pouco de ar fresco no pátio. De repente, as dores que eu sentira no parque começaram de novo. Arrastei-me até o laboratório e tomei uma dose dupla da poção. Voltei a ser Jekyll, porém, seis horas depois, precisei preparar uma dose tripla, pois Hyde estava lá outra vez.

Passei a viver em constante tormento; a qualquer instante, Hyde se apoderava da personalidade de Jekyll. Se dormisse ou apenas cochilasse, acordava Hyde. Nem mesmo as dores da transformação eram tão fortes. A passagem se dava em questão de segundos. Hyde ia ficando mais poderoso à medida que a saúde de Jekyll ia se debilitando. Fui ficando fraco, **ANÊMICO**, sem fome, sem forças para

-  **ESGUEIRANDO-ME:** desviando, escapando, andando com cautela
-  **ÍMPETO:** manifestação súbita e violenta; impulso, ataque, fúria
-  **ANÊMICO:** pessoa que sofre de anemia (deficiência de hemoglobina no sangue); sem vigor, fraco

nada. Hyde destruía tudo de que não gostava; rabiscava meus livros, escrevia frases pecaminosas nas páginas religiosas que eu tanto apreciava. Se eu não temesse tanto a morte, teria destruído esse homem há muito tempo.

Meu desespero teria se prolongado eternamente, se não fosse algo que eu não havia previsto. A quantidade do sal necessário para a preparação da fórmula estava no fim. Mandeí Poole comprar uma nova quantidade, mas o sal mostrou-se impuro. O líquido ferveu, mas a cor não se alterou como deveria. Poole vasculhou a cidade de cabeça para baixo, sem conseguir encontrar o pó adequado. Pergunte a ele, tenho certeza de que lhe contará tudo, falará sobre minha angústia.

Uma semana se passou e eu agora estou sob efeito de uma dose preparada com o resto do antigo sal. Assim sendo, esta é a última vez que o mundo verá o Dr. Henry Jekyll. Esperançoso, ainda torço por um milagre, mas sei que daqui a no máximo meia hora apenas Edward Hyde habitará este laboratório. As transformações constantes também o afetaram; percebo que ele também sofre, por vezes chora como uma criança desconsolada. Tem medo de não conseguir viver sem Jekyll, tem medo de passar o resto de seus dias fugindo da polícia. Não sei se ele morrerá aqui ou se encontrará coragem para se libertar no último momento. Sei apenas que esta é a verdadeira hora da minha morte. Tudo o que ocorrer depois, será relacionado a uma outra pessoa. Termina aqui minha confissão, lacrando o envelope e pondo fim ao triste destino de Henry Jekyll.”

# FICHA DE LEITURA

- 1) Quais as características físicas e psicológicas de Henry Jekyll?
- 2) Quais as características físicas e psicológicas de Edward Hyde?
- 3) Pesquise o significado de palavras parecidas com Hyde e Jekyll em inglês e as associe com os personagens.
- 4) Quem é o Sr. Utterson? Por que ele era considerado um homem confiável?
- 5) O Dr. Lanyon entregou um envelope para o Sr. Utterson pedindo que este só fosse aberto após a morte ou desaparecimento do Dr. Henry Jekyll. Se fosse você quem o tivesse recebido, teria aberto antes? Por quê? Por que não? O que você achou da atitude do Sr. Utterson?
- 6) Escolha uma cena do livro e, em grupo, apresente-a para seus colegas.
- 7) Na sua opinião, um ser humano tem dois lados, um bom e outro mau, como acredita o Dr. Jekyll? Escreva qual é o seu pior lado e qual é o seu lado melhor. Depois debata sobre isso com seus colegas e seu professor. Os defeitos e qualidades de seus colegas são parecidos com os seus?
- 8) Você já teve vontade ou já fez alguma coisa que considerasse errada, má? O que você fez? Como você se sentiu antes e depois?
- 9) Se você fosse o Dr. Jekyll, com qual personalidade você escolheria ficar? Por quê?
- 10) Por que o Dr. Lanyon morreu? Você acha que ele tinha motivos para sentir-se tão enfraquecido?
- 11) Se você fosse médico, biólogo ou químico, que tipo de coisa gostaria de descobrir sobre a espécie humana?
- 12) Por que o Sr. Hyde era mais baixo que o Dr. Jekyll? Você concorda com a hipótese do Dr. Jekyll?
- 13) Por que o Sr. Hyde causava aversão nas pessoas? Você acredita que existam pessoas que sejam apenas boas ou apenas más?
- 14) Você já encontrou alguém cuja presença tivesse lhe causado mal? Se sim, por que você acha que isso aconteceu?
- 15) Se as pessoas tiverem mesmo um lado bom e outro mau, qual seria, na sua opinião, uma solução para o problema?
- 16) Que tipo de pessoa, na nossa sociedade, teria uma índole má?
- 17) Você já conheceu ou ouviu falar de alguém íntegro, acima de qualquer suspeita, como o Dr. Jekyll, que tenha cometido um ato ruim?
- 18) Qual a mensagem que a poção mágica do Dr. Jekyll pode passar para nós?
- 19) Por que você acha que o Dr. Jekyll escolheu ficar com seu lado bom e não conseguiu?
- 20) Você mudaria o final do livro? Junto com um grupo de colegas, decidam um destino diferente para o Dr. Jekyll e seu assistente, o Sr. Hyde.



# O Médico e o Monstro

O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde

Robert Louis Stevenson

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Robert Louis Stevenson nasceu em Edimburgo, Escócia, em 1850. Seu pai, engenheiro importante da época, queria que o filho seguisse sua profissão, mas ele preferiu a carreira de advogado. Formou-se em Direito, apesar de nunca ter exercido o ofício, e acabou tornando-se escritor. Durante a faculdade, teve uma vida boêmia, conheceu pessoas e locais interessantes, que mais tarde serviriam de inspiração para suas histórias.

Por volta dos 20 anos de idade, Stevenson começou a ter problemas respiratórios, que se agravaram devido ao clima frio e úmido da Escócia. Para tentar aliviar os sintomas, ele passou a viajar em busca de climas mais amenos. Foi em uma dessas viagens, enquanto estava na França, que conheceu sua esposa, Fanny Osbourne, uma americana dez anos mais velha e mãe de dois filhos. Casaram-se depois que o divórcio de Fanny foi oficializado e mudaram-se para a Califórnia, um local mais quente e favorável à saúde de Stevenson.

Apesar de ter escrito diversos artigos, relatos e textos autobiográficos antes, seu romance de estréia foi *A Ilha do Tesouro*, de 1883, um divertido livro de aventuras. Seu reconhecimento como escritor foi renovado com a publicação de *O Médico e o Monstro*, no ano de 1886. A idéia de escrever essa história de mistério partiu de um pesadelo vivenciado pelo autor. Nela, Stevenson explora a questão da dupla personalidade e sugere que a alma humana pode ter uma natureza boa e má ao mesmo tempo.

Após uma longa viagem pelo Pacífico, iniciada em 1888, Stevenson e sua família estabeleceram-se em Samoa, na Polinésia. Foi nesse lugar, após tornar-se um escritor respeitado, especialmente pelo povo local, que Stevenson morreu, em 1894, vítima de hemorragia cerebral. Como romancista, ficou conhecido pela criatividade e pelo cunho psicológico de sua obra.

